

## » CB.PODER | AÉCIO NEVES | PRESIDENTE DO PSDB

Deputado federal dispara críticas à polarização e diz que PSDB — partido ainda na busca pela reestruturação — tem "autoridade moral e política" para reconstruir uma opção a eleitores avessos tanto ao petismo quanto ao bolsonarismo

# Aposta na “Avenida do Centro”

» PEDRO JOSÉ\*

**O** presidente nacional do PSDB, o deputado federal Aécio Neves (MG), afirmou que o partido foi o único que não se curvou ao petismo nem ao bolsonarismo e, por isso, “tem autoridade moral e política para reconstruir o caminho do centro”. “Acredito que a ‘Avenida do Centro’ vai se reabrir”, enfatizou, em entrevista aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Denise Rothenburg, no programa CB.Poder, parceira entre o Correio e a TV Brasília.

O parlamentar ressaltou que uma parcela do país não se identifica com nenhum dos lados da polarização. “Vamos dar a essas pessoas a oportunidade de votar ‘sim’ a um projeto. Venho para tentar ajudar a reconstruir esse projeto ao centro”, destacou, ao comentar sobre os planos para a reestruturação do PSDB.

Aécio também criticou o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), que, segundo ele, não sabe a dimensão do cargo que ocupa. “Figuras como o governador de Minas ou de São Paulo têm que participar das grandes questões nacionais, e não há participação dele. Estamos terminando o segundo mandato dele sem nenhum legado importante”, disse. A seguir, os principais trechos da entrevista:



### Como será a reestruturação do PSDB, que já foi o partido mais importante do país?

Assumo a presidência nacional do PSDB — cargo que já ocupei por cinco anos quando construímos uma candidatura presidencial — com a convicção de que essa polarização na qual estamos mergulhados hoje — tão rasa, grosseira e radical — não é definitiva. O PSDB se fortaleceu e foi importante para o Brasil como um partido de oposição conceitual ao PT: oposição à forma de governar, à gastança desenfreada e a essa visão antiga e ideológica na política externa. É um governo sem resultados objetivos que, a meu ver, não se preocupa efetivamente com a superação da pobreza. O PT se faz com a administração da pobreza. Nós sempre fizemos oposição a esse governo, só que não nos identificamos com a pauta atrasada do bolsonarismo mais radical. Reassumo a presidência para recolocar o PSDB no protagonismo da política nacional. Vamos recuperar o nosso espaço de oposição que tem um projeto para o Brasil: ousado e liberal do ponto de vista da economia, e inclusivo do ponto de vista social. Acredito que a ‘Avenida do Centro’ vai se reabrir. O PSDB, por ter sido o único partido que não se curvou ao bolsonarismo lá atrás e nem se curva hoje ao lulopetismo, tem autoridade moral e política para reconstruir o caminho do centro.

### Qual vai ser a estratégia do partido para ganhar mais musculatura? A sigla sofreu várias baixas ao longo dos últimos anos, com a diminuição de governadores, bancadas e prefeitos.

Eudiria quem nós passamos por uma “lipoaspiração” para retornarmos um

pouco mais esbeltos e fortalecidos no nosso propósito. O PSDB é um partido que não pode ser medido apenas pela quantidade de prefeitos e governadores, por mais que isso seja importante. Nós somos um partido que tem um projeto para o Brasil. Estamos reorganizando as direções estaduais no país inteiro para dar ao PSDB o que é essencial: unidade para projetar o futuro, independente tanto do lulopetismo quanto do bolsonarismo. Temos o desafio de fazer uma boa bancada no ano que vem; acredito que ultrapassaremos os 30 parlamentares e vamos ajudar a construir um caminho do centro numa candidatura presidencial. É um desafio enorme, não será fácil, mas é factível. Uma parcela do Brasil que não se identifica com esses dois polos está precisando de um campo para votar a favor. Hoje, temos brasileiros que votam no Lula porque dizem não ao bolsonarismo, ou votam no candidato do bolsonarismo porque negam o PT. Vamos dar a essas pessoas a oportunidade de votar “sim” a um projeto. Venho para tentar ajudar a reconstruir esse projeto ao centro.

**Até agora, há candidatura de Ronaldo Caiado (União Brasil) e Flávio Bolsonaro (PL); Tarcisio recolheu os flaps. Como avalia esse cenário com o presidente Lula ainda como favorito no meio desses nomes?**

Temos de ser realistas: temos um quadro hoje em que o PT é um player viável e terá uma candidatura com possibilidades reais de vitória, porque tem o governo na mão. Há uma divisão muito grande na direita hoje. Eu não acredito na candidatura de alguns desses governadores,

**O governador Zema não é uma má figura, mas não compreendeu a dimensão do que é ser governador de um estado como Minas Gerais. Estamos terminando o segundo mandato dele sem nenhum legado importante”**

nem acho que um membro da família Bolsonaro seja capaz de reunir o centro. Tenho a noção clara de que nós não temos hoje a musculatura necessária para liderar, agora, um projeto nacional. Mas, se as alternativas se limitarem a um representante da família Bolsonaro e ao presidente Lula, temos de admitir a possibilidade de construir um nome do próprio PSDB para qualificar o debate e dizer que existe vida inteligente entre os extremos. O Brasil está carente da oportunidade de votar “sim” a um projeto inclusivo socialmente, liberal economicamente, que garanta a responsabilidade fiscal e preze por portas de saída para os programas sociais. São nomes que terão de pedalar muito ainda para se transformarem em nomes nacionais. Claro que temos de estar abertos a conversar com quem se disponha a apresentar um projeto para o país, e não apenas um projeto de continuidade de uma dessas figuras que hoje polariza a política nacional.

**O senhor disputou a eleição de 2014 e perdeu por 3,5 milhões de votos, foi muito apertado. Quando diz que o PSDB quer ser independente dos polos, podemos dizer que esses polos estão, de certa forma, ligados, considerando o que aconteceu de 2014 em diante?**

Concordo, até porque eles se retraíram. O PT surfa muito na radicalização do que o bolsonarismo representa. Trago uma lição antiga do meu avô, o presidente Tancredo, que dizia: “Na política, a arte não é escolher o aliado, é escolher o adversário”. Se o PT pudesse escolher um adversário para a eternidade, escolheria o bolsonarismo. Temos uma parcela expressiva de eleitores que votaram no PT não por serem petistas, mas porque rejeitavam mais fortemente o que o bolsonarismo representava. É para esses que temos que falar. Os polos vivem do oxigênio que o outro dá. Com o advento das redes sociais, o discurso radical sempre tem mais likes. O plenário do Congresso, hoje, é um local quase insalubre, onde só tem espaço para a pancadaria e para os likes. Não existe mais espaço para o debate e a construção suprapartidária. Se o projeto é do governo, a direita é contra; se vem da direita, o governo é contra, independentemente do mérito. Isso me angustia. Talvez, eu tenha aceitado voltar à presidência do PSDB por ainda acreditar na política do diálogo e do entendimento, não nas “dinâmites” jogadas diariamente. É preciso deixar para nossos filhos um país menos raso, inculto e agressivo, onde adversário político não é inimigo. Assumo o PSDB achando que ainda existe espaço para um

partido que proponha um projeto, seja oposição, mas não aceite flertar com o autoritarismo ou a ditadura.

### Como avalia o projeto da dosimetria?

Tenho uma posição muito clara: sou filho e neto da democracia. Crimes contra o Estado Democrático de Direito não são passíveis de anistia; isso é uma definição constitucional e política. A democracia é o melhor dos sistemas, e não há espaço no Brasil de hoje para discutir anistia. Porém, vejo que muitas penas foram exageradas para aqueles que tiveram uma participação lateral no processo — não me refiro aos que organizaram, financiaram ou planejaram a tentativa de golpe. Tivemos centenas de pessoas que participaram daquele balbúrdia, algumas sem tanta bravadeira, que levaram penas muito altas, de 12 a 16 anos.

### O senhor teve participação no projeto?

Ajudei a construir o texto do PL da dosimetria das penas, que permitirá que não haja cumulatividade entre crimes semelhantes, como golpe de Estado e extinção do Estadão Democrático de Direito. Com isso, há um alívio da pena, permitindo que essas pessoas retomem suas vidas sem serem anistiadas ou inocentadas; elas terão sido condenadas e pagarão pelo crime. Se esse PL da dosimetria passar e servir para tirar da pauta definitivamente a discussão sobre anistia — que só interessa aos polos — permitindo retomar a agenda da educação, segurança pública e reforma tributária, acho aceitável. Por sugestão minha, o projeto deixou de ser de anistia e passou a ser chamado de dosimetria.

### Como avalia a polarização entre Judiciário e Congresso, com a discussão da lei de impeachment de ministros do Supremo?

É uma questão preocupante. Toda vez que um poder invade as prerrogativas de outro, a consequência é atrito e reação. Temos uma lei de 1950 que vigorou bem por mais de 60 anos. Não vejo como recomendável essa discussão agora e da forma como se colocou. A consequência pode ser uma reação com projetos ainda mais gravosos no Congresso. Acredito no bom senso e que o Supremo compreenderá que esse não é o tema do momento. Quando o Poder Judiciário, em especial o Supremo Tribunal Federal, deixar de ter um ativismo tão grande como vem tendo hoje, o país ganhará. Toda ação gera uma reação.

### Concorda com a leitura de que esse movimento do STF está se antecipando ao que pode acontecer em 2026, com uma possível maioria conservadora no Senado?

Essa é uma leitura superficial, mas não acho que um ministro do Supremo deva ser suscetível a pressões; se for, não deveria estar lá. Quem vai eleger o Senado é a população brasileira. Se a população eleger uma maioria com prioridade de afastar ministro, é decisão dela, embora eu espere que não aconteça. Não acredito que a resposta adequada seja o Supremo criar regras preventivas ou blindagens. Regras duradouras sinalizam que esse tipo de mudança não é recomendável. Essa proposta parece muito mais uma reação ao que pode vir a acontecer, o que pode gerar uma contrarreação do Congresso que piora as coisas.

### Como ficará Minas Gerais, sua terra, para a eleição do ano que vem?

Em Minas, as coisas também não vão bem. Tivemos três governos do PSDB muito exitosos, referência em educação e segurança, seguidos por um governo traumático do PT e, depois, o governo Zema. O governador Zema não é uma má figura, mas não compreendeu a dimensão do que é ser governador de um estado como Minas Gerais. Figuras como o governador de Minas ou de São Paulo têm que participar das grandes questões nacionais, e não há participação dele. Estamos terminando o segundo mandato dele sem nenhum legado importante. A sucessão ainda é muito embrionária. Claro que há movimentos para que eu volte ao governo de Minas ou ao Senado, mas minha missão hoje é a reconstrução do PSDB e do projeto nacional do partido. Quanto a Minas, sigo outra máxima “tancreiana”: é preciso deixar a onda bater na areia para ver como fica a espuma. Estou na fase de observar. Minha dedicação agora é reconstruir o PSDB nos estados e viabilizar uma bancada expressiva no Congresso. Cumprindo essa missão, verei qual o melhor papel que posso desempenhar em Minas para ajudar nesse projeto.

**\*\*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa**



ALEXANDRE GARCIA

**SÓ O TRABALHO GERA RIQUEZA — PARA SUSTENTAR GOVERNOS E SEUS POPULISMOS. POPULISMO E CONTAS PÚBLICAS NÃO FECHAM JAMAIS. DEMAGOGIA NÃO GERA INVESTIMENTO NEM PRODUTIVIDADE; AO CONTRÁRIO**

# Populismo e Paraguai

Leio os títulos dos jornais: “Freio no crescimento”, “Economia perde o fôlego” e outros eufemismos para mostrar a estagnação do PIB no terceiro trimestre do ano.

Títulos enganadores, porque fazem pressupor que havia crescimento e fôlego. Meninos, eu vi o que é crescimento. Cobrindo economia no *Jornal do Brasil*, eu acompanhei, no que agora chamam de anos de chumbo, anos dourados do PIB brasileiro. Em 1973, crescemos 14%. Nem a China conseguiu isso. A média de crescimento em quatro anos foi

de 11,2% ao ano. Milagre econômico, chamaram.

Milagre nada. Foi produto de entusiasmo, otimismo, confiança na estabilidade jurídica e política. Abriam-se empresas e empregos. Faltavam empregados, papéis de embalagens, veículos na vitrine. Sobravam renda, emprego, produção, compra e venda. Só esfriou quando o petróleo de que o Brasil necessitava quadruplicou de preço.

Agora, o PIB ainda se mostrou 0,1% positivo no trimestre, porque o petróleo é nosso. O pré-sal

de petróleo e gás é que garantiu um décimo por cento de positivo, pois a indústria de manufaturados encolheu, o comércio perdeu fôlego — a 25 de Março, em São Paulo, o Saara, no Rio, mostraram isso. Até o agro, que sustenta o balanço de pagamentos, ficou apenas com menos de meio por cento positivo.

Nenhuma praga, oposta ao milagre; apenas o óbvio: só o trabalho produz riqueza. Num país em que 45% da população de idade ativa vive de benefícios sociais pagos pelos impostos

tirados de todos, crescimento é impossível. Eram R\$ 90 bilhões de benefícios em 2019; agora, são R\$ 285 bilhões. Em 13 estados — Norte e Nordeste —, o número de beneficiários é maior que o de assalariados, e falta mão de obra para a atividade econômica de emprego intensivo. Muito óbvio: o PIB parou porque estão empatados a renda e o gasto. A poupança, em novembro, diminuiu em quase R\$ 3 bilhões. Com eleições o ano que vem, o gasto aumenta. E aí? Proibir reeleição seria uma solução, mas muitos vão dizer que é contra Lula.

Com o populismo em campanha, todos vão pagar depois. Pagam os que geram riqueza, a diminuição dos que recebem o

emprego e impostos, e os que se beneficiam disso, porque já não caem maná há mais de 3 mil anos. E não há almoço grátis. Tem que pagar. E só se paga quando houver geração de riqueza. E, aí, repito o óbvio: só o trabalho gera riqueza — para sustentar governos e seus populismos. Populismo e contas públicas não fecham jamais. Demagogia não gera investimento nem produtividade; ao contrário.

Sem crescer, não há riqueza a distribuir. Distribuir sem ter é desastre a ver. Na base, a conta de energia sobe mais que a inflação. Não se festeja aumento do Bolsa Família; o que se deve festejar é a diminuição dos que recebem o

benefício, porque o melhor programa social é o emprego. Mas populismo incha em ano eleitoral, até explodir as contas públicas. O aracabouço só existe em declarações do ministro. Como se não bastasse, há o custo Brasil, calculado em R\$ 1,7 trilhão por ano, conforme estudo e pesquisa CNI/Nexus.

Impostos, energia cara, infraestrutura ruim, burocracia, tempo perdido — 1.506 horas por ano — para calcular e pagar tributos. Tira competitividade, investimento, inovação. É o atraso. Economia tenta andar com freio puxado. E tem que pagar muito imposto para o governo posar de benfeitor. Ou mudar para o Paraguai.

ALEXANDRE GARCIA